

XXXV

INESPERADA OBSERVAÇÃO

Assim que a fama de Jesus se espalhou farta-mente, dizia-se, em torno do Genezaré, que o Mes-sias jamais desprezava o ensejo de ensinar o bem, através de todos os quadros da natureza.

Ante as ondas revoltas, comentava as paixões que devastam a criatura; contemplando algum ni-nho com filhotes tenros, exaltava a sublimidade dos elos da família; à frente das flores campesinas, louvava a tranquilidade e a segurança das coisas simples; ouvindo o cântico das aves, reportava-se às harmonias do alto. Ocasião houve em que de uma semente de mostarda extraíu glorioso símbolo para a fé e, numa tarde fulgurante de pregação consoladora, encontrara inesquecíveis imagens do Reino de Deus, lembrando um trigal. Explanou sobre o amor celeste, recorrendo a uma dracma per-dida, e surgiu um instante, ó surpresa divina, em que o Cristo subtráira infelizmente a pecadora ao apedrejamento, usando palavras que lhe denuncia-vam a perfeita compreensão da justiça!

Reconhecida e proclamada a sabedoria d'Ele, porfiavam os discípulos em lhe arrancarem refe-rencias nobres e sábias palavras. Por mais se reve-zassem na exposição de feridas e maldades huma-nas, curiosos de apreender-lhe a conceituação da vida, o Mestre demonstrava incessantes recursos na descoberta da "melhor parte".

Como ninguém, sabia advogar a causa dos infe-lizes e identificar atenuantes para as faltas alheias, guardado o respeito que sempre consagrhou à ordem. Guerreava abertamente o mal e chicoteava o pe-cado. Entretanto, estava pronto invariavelmente ao

socorro e amparo das vítimas. Se vivia de pé con-tra os monstros da perversidade e da ignorância, nunca foi observado sem compaixão para com os desventurados e falidos da sorte. Levantava e ani-mava sempre. Estimulava as qualidades superiores sem descanso, surpreendia ângulos iluminados nas figuras aparentemente trevosas.

Impressionados com aquela feição d'Ele, Tiago e João, certa feita, ao regressarem de rápida estada em Cesareia, traziam, espantados, o caso de um ladrão confessado, que fora ruidosamente trancafiado no cárcere...

Pisando Cafarnaum, de retorno, Tiago disse ao irmão, após relacionar as dificuldades do pri-sioneiro:

— Que diria o Senhor se viesse a sabê-lo. Ti-rraria ilações benéficas de acontecimento tão es-cabroso?

Ouvido pelo irmão, com indisfarçável interesse, rematou:

— Dar-lhe-ei notícias do sucedido.

Com efeito, depois de abraçarem Jesus, de volta, o filho de Zebedeu passou a narrar-lhe a oco-rência desagradável, em frases longas e inúteis.

— O criminoso de Cesareia — descreveu, pro-lixo — fora preso em flagrante, em seguida a auda-ciosa tentativa de roubo, que perdurara por seis meses consecutivos. Conhecia, através de informa-gões, vasto ninho de jóias pertencentes a importante família romana e, por cento e oitenta dias, cavara ocultamente a parede rochosa, de modo a pilhar as preciosidades, sem testemunhas. Fizera-se passar por escravo misérrimo, sofrera açoites na carne, padecera fome e sede, por determinações de capa-tazes insolentes, trabalhara de sol a sol num campo não distante da residência patrícia, tão só para valer-se da noite, na transposição do obstáculo que o inibia de apropriar-se dos camafeus e das pedras, das redes de ouro e dos braceletes de brilhantes. Na derradeira noite de trabalho sutil, foi seguido pela

observação de um guarda cuidadoso e, quando mergulhava as mãos ávidas no tesouro imenso, eis que dois vigilantes espadaúdos agarram-no pressurosos. Buscou escapar, mas de balde. Rudes bofetadas amassaram-lhe o rosto e dos braços duramente golpeados corria profusamente o sangue. Aturdido, espancado, depois de sofrer pesadas humilhações, o infeliz, agonizando, fora posto a ferros em condições nas quais, talvez, não lhe seria dado esperar a sentença de morte...

O Mestre ouviu a longa narrativa em silêncio e, porque observasse a atitude expectante dos aprendizes, neles fixou o olhar percutiente e doce e falou:

— Se a prática do mal exige tanta inteligência e serviço de um homem, calculemos a nossa necessidade de compreensão, devotamento e perseverança no sacrifício que nos reclama a execução do verdadeiro bem.

Logo após, afastou-se, pensativo, enquanto os dois jovens companheiros se entreolhavam, surpresos, sem saberem que replicar.

XXXVI

NAS HESITAÇÕES DE PEDRO

Logo depois de se estabelecerem os apóstolos em Jerusalém, em seguida às revelações do Pentecostes, ia o serviço de assistência social maravilhosamente organizado, não obstante as perseguições que se esboçavam, quando a casa acolhedora, dirigida por Simão Pedro, foi procurada por infeliz mulher. Trazia consigo todos os estigmas das pecadoras. Fora lapidada e exibia manchas sanguinolentas na roupa em frangalhos. Pronunciava palavras torpes. Revelava-se semi-louca e doente.

As senhoras do reduto cristão retraíram-se, alarmadas. E o próprio Pedro, que recebera preciosas lições do Senhor, vacilou quanto à atitude que lhe seria adequada.

Como haver-se nas circunstâncias? Destinava-se aquele abrigo ao recolhimento de criaturas desventuradas; entretanto, como classificar a triste posição daquela mulher que, naturalmente, buscara o vaso da angústia nos excessivos gozos da vida? Não estaria a sofredora resgatando os próprios débitos? Se bebera com loucura na taça dos prazeres, não lhe caberia o fel da aflição?

Dispunha-se a rogar-lhe que se afastasse do asilo, quando recordou a necessidade de orar. Se o caso era omissa nas disposições que regiam o instituto fraterno, tornava-se imperioso consultar a inspiração do Messias.

O Mestre lhe ditaria o recurso. Buscar-lhe-ia, por isso, o conselho na prece ardente.

Enquanto a infortunada aguardava resposta, sob o apupo de pequena multidão que lhe contemplava as feridas, o apóstolo buscou a solidão do